ARQUITETURA RURAL DA TERRA ROXA: O CASO DAS FAZENDAS PAU D'ALHO E MATO DENTRO NO MUNICÍPIO DE CAMPINAS NO ESTADO DE SÃO PAULO

Berna Valderrama[1], Melissa Oliveira[2] e Sandra Martins[3]

(1) FAAL – Faculdade de Administração e Artes de Limeira
Rua Desembargador Antão de Morais, 1209, Cidade Universitária, Campinas – SP, Brasil
Tel: (55 19) 3287 8943 bbvalderrama@terra.com.br

(2) CEUNSP – Centro Universitário Nossa Senhora do Patrocínio
Avenida Anchieta, 549, apto. 22, Centro, Campinas – SP, Brasil
Tel: (55 19) 3232 5474 melinerso@yahoo.com.br

(3) CEUNSP – Centro Universitário Nossa Senhora do Patrocínio
Rua Álvaro Muller, 560, apto. 94, Centro, Campinas – SP, Brasil
Tel: (19) 3233 2546 sancfm@terra.com.br

Palavras-chave: arquitetura rural, técnicas construtivas, preservação

RESUMO

A salvaguarda das tipologias e das técnicas pode ser tomada como um dos pilares da conservação e preservação. Por outro lado, a preservação tipológica pode estar escondendo a modernização das técnicas construtivas para adequação ao uso contemporâneo, transformando o patrimônio num cenário e não em um ambiente de reconhecimento e vivência de memória do café.

A discussão proposta tem como objetivo reconhecer o valor patrimonial das técnicas construtivas da arquitetura rural da terra roxa, na qual predominam as taipas, delimitando um justo lugar no valor de memória do patrimônio.

Esse trabalho pretende também questionar o papel das técnicas e dos materiais no valor projetual da composição arquitetônica do habitat cafeeiro. A metodologia tem como base a análise da arquitetura rural de cunho patrimonial, resultado da produção do café no município de Campinas à luz dos projetos, do partido, do programa de necessidades e da tipologia que caracterizou a sociedade e seus aparatos naquela época.

Para a análise destas questões tomamos como estudo de caso duas fazendas: a Fazenda Pau d' Alho e a Fazenda Mato Dentro. A Fazenda Pau D' Alho, em processo de tombamento CONDEPACC, possui várias técnicas construtivas como a taipa-de-pilão, o pau-a-pique, a alvenaria de tijolos sob fundação de pedras e telha capa-canal. Antigo engenho de açúcar e fazenda de café, atualmente é alugada para eventos (edificações), além de produzir milho e investir na criação de gado holandês. A Fazenda Mato Dentro possui a casa-sede, capela e tulha tombadas pelo CONDEPHAAT e pelo CONDEPACC. A fazenda possui várias técnicas construtivas tais como a taipa de pilão, o pau-a-pique, a alvenaria de tijolos, a alvenaria de pedra, o ladrilho hidráulico e a telha de colo ou capa-canal. Propriedade do Governo do Estado de São Paulo, atualmente funciona como um Museu Ambiental.

1. INTRODUÇÃO

A organização geral da lavoura cafeeira em Campinas seguiu os moldes tradicionais e clássicos da principal empresa agrícola até então existente no país: a cana-de-açúcar. Mas, com a evolução do processo produtivo do café, os conceitos e a prática arquitetônica tiveram que se adaptar à nova realidade, quando então foram concebidas soluções originais e características para a região.

Nestes termos, os materiais e as técnicas construtivas que foram utilizados na concepção e materialização da fazenda de café partiram da adequação das soluções encontradas para a produção açucareira. Em relação direta com a experiência construtiva dos engenhos aliando

ao saber fazer antecessor novas soluções de implantação e tipologia adaptadas às novas condições existentes sendo algumas técnicas usadas com maior freqüência do que outras.

O presente artigo trata do estudo das tipologias construtivas da época da produção de café em Campinas chegando na entendimento das construções rurais e na segunda parte abordam-se os objeto de estudo, a fazenda Pau D' Alho e Mato Dentro dando ênfase aos programas de necessidades e as técnicas construtivas da casa-sede e edificações adjacentes.

As informações arroladas resultaram em plantas, desenhos, fotos e no estudo da tipologia funcional, do partido arquitetônico, dos materiais e técnicas construtivas e da linguagem formal das construções preservadas em cada ciclo econômico.

2. O CAFÉ NO MUNICÍPIO DE CAMPINAS

A abertura de uma fazenda no Centro-oeste Paulista, durante o século XIX, era uma tarefa difícil que exigia muito tempo, dinheiro e disposição para superar as grandes áreas de cerrado, campo e florestas. Uma forma de escolher a boa terra era verificar a qualidade ideal do solo, observando-se sua coloração: os solos vermelhos indicavam fertilidade moderada, os amarelos, terrenos mais pobres, os de cor vermelho escura, ricos em óxido de ferro, eram considerados os mais férteis. Porém esses não eram os testes mais confiáveis, pois existem os solos vermelhos, chamados "catadupa" que são de baixa qualidade, e outros amarelos, como o "massapé", de origem basáltica e granítica, muito férteis. Um outro teste, mais confiável era verificar a existência de determinadas espécies vegetais no terreno, como a presença de pau d'alho, jangada brava e figueira branca, entre outras, chamadas árvores-padrão e que eram bons indícios da fertilidade do solo tanto que se deixavam alguns exemplares como de sua prova de qualidade. (Benincasa, 2003: 35)

Ao final dos setecentos, a cana crescia bem em todo município tornando o açúcar o produto mais importante. Por volta de 1830, o plantio do café foi ensaiado com êxito e os fazendeiros iniciaram a substituição dos canaviais pelos cafezais. (Benincasa, 2003: 82)

Outra fonte indica que as primeiras mudas de café chegaram a Campinas por volta de 1797 e possibilitaram a primeira grande colheita em 1842 (Mendes, 1983), outra ainda diz que foi trazido pelo tenente Antônio Francisco de Andrade, no ano de 1807 ou 1809; mas o cultivo com fins econômicos somente ganharia grandes proporções por meio da liderança empresarial de Francisco Egídio de Sousa Aranha. (Argollo, 2004: 27)

Silva (2006) relata que a rápida substituição dos canaviais pode ser explicada por uma série de fatores internos e externos. Toda aquela infra-estrutura criada pela cana agora assegurava condições favoráveis à implantação do café: estocagem de mão-de-obra escrava, acumulação de capital, abertura de estradas para o escoamento agrícola, experiência nos transportes e na comercialização, entre outras. As condições do mercado externo, ávido de café e saturado de açúcar, também lhe eram favoráveis. Afora essas e outras razões, o café dava lucro. Em 1842, quando a vila de São Carlos retoma o antigo nome de Campinas e é elevada à categoria de cidade, ela estava às vésperas de se tornar a maior produtora de café do mercado internacional. De maneira geral, as cidades se desenvolveram rapidamente e são contempladas com inovações técnicas – obras de engenharia – que atingem também o campo. O complexo cafeeiro paulista baseou-se, inicialmente, num modelo de produção escravocrata, passando rapidamente ao trabalho livre, mesmo antes da Abolição. Sua expansão deu-se a partir da região de Campinas, baseada em técnicas agrícolas e de beneficiamento mais eficientes, na ampliação da rede ferroviária paulista e no início das relações de produção capitalistas nas fazendas de café.

Em 1854 a cafeicultura já se havia instalado e consolidado em quase toda a Zona Central (Campinas) e, paralelamente, a produção de açúcar também aumentara, o que fazia crescer significativamente a população regional[1]. A partir de então, inicia-se um processo que levaria Campinas a estabelecer-se, até a década de 1920, como o mais importante pólo de desenvolvimento de todo o oeste paulista abrigando grande número de empresas

comerciais e de serviços em geral, indústrias de máquinas, escolas e institutos de pesquisa que visavam ao atendimento local e das novas áreas cafeeiras.

3. AS FAZENDAS DE CAFÉ: ORGANIZAÇÃO ESPACIAL, TIPOLOGIAS E MATERIAIS

O engenho de açúcar foi a primeira grande manifestação arquitetônica da população do campo. No início do século XIX fica em segundo plano com a propagação da lavoura cafeeira, porém, com a quebra da Bolsa em Nova York em 1929 e a crise do café voltou a ser cultivado em escala considerável no interior de São Paulo.

Nos engenhos que restam do século XVII a XIX observa-se a repetição de três elementos: a casa-grande, a capela e a fábrica. A implantação desses elementos variou muito, às vezes aparecem agrupados em um único edifício, às vezes separados (casa e fábrica unidos no mesmo telhado e capela separada; em outros, casa e capela unidas no mesmo telhado e fábrica separada). A associação casa-fábrica talvez seja devido à permanente vigilância do proprietário. Estes primeiros estabelecimentos rurais foram instalados próximos aos rios e ribeirões para o aproveitamento da água na movimentação da moenda. A casa-grande situava-se à meia encosta, em posição superior aos demais edifícios, com fachada voltada para a fábrica, que por sua vez, situou-se na parte mais baixa do terreno para aproveitamento hídrico. A capela é encontrada no mesmo nível da casa, ou acima dela – muito provavelmente uma simbologia da importância da Igreja Católica.

A solução nordestina se aplicou em São Paulo e também em Minas Gerais e Rio de Janeiro. A disposição das edificações, o programa das habitações, a constante vigilância sobre os escravos, a procura de locais à beira d'água, a existência de locais para o culto religioso, todos estes dados estariam presentes na elaboração do agenciamento das fazendas e engenhos do sul do país adaptados à realidade local.

A grande contribuição dos portugueses deu-se com relação às técnicas construtivas e aos aspectos formais das edificações. Eles vieram das mais diferentes regiões de Portugal, trazendo várias técnicas. Do norte montanhoso e frio de Portugal, trouxeram a arquitetura baseada no corte da pedra. Do sul, de clima mais quente e de planícies, a arquitetura de terra expressada na utilização do adobe cru (seco ao sol), da taipa de pilão e dos tijolos de barro cozido. (Benincasa, 2003: 85)

Segundo Buarque de Holanda, o latifúndio cafeeiro veio a tomar caráter próprio, emancipando-se das formas de exploração agrícola estereotipadas desde a era colonial fundamentada no modelo clássico do engenho de açúcar (Bellia, s.d.: 2) . Embora a unidade produtora de café tenha adquirido características próprias tornando-se um complexo único é importante considerar que alguns problemas da organização do complexo programa de atividades das primeiras fazendas de café foram solucionados através dos ensinamentos advindos dos engenhos de açúcar e fazendas mineiras. Sendo mais antigas, já contavam com um extremo repertório de soluções garantindo um saber fazer assimilado pela nova lavoura. Outros, relacionados ao beneficiamento do café, tiveram que ser aprendidos, aperfeiçoados ou inventados.

A fazenda cafeeira organizada para produção e beneficiamento de café atingiu sua forma mais ou menos definitiva por volta de 1830 cuja configuração possui especificidades que a diferem de outros tipos de estabelecimentos rurais, pois possui equipamentos cujo uso é restrito ao beneficiamento do café. Além da casa-grande, ou casa sede, houve a necessidade de alojamento para um numeroso contingente de trabalhadores, instalações para o fabrico de alimentos, como moinhos, engenhos, cozinhas, hortas, pomares, oficinas para a manufatura de farinhas e manutenção dos equipamentos e dos meios de transporte, além dos edifícios destinados ao beneficiamento do café e também para sua estocagem, como terreiros, casa de pilão ou de máquinas e tulhas, e local para hospedagem dos tropeiros e seus animais, que faziam o transporte da mercadoria antes da ferrovia. Ou seja, a fazenda cafeeira, com o aumento da produção transformou-se num núcleo com grande concentração populacional residente em suas instalações.

Na fazenda cafeeira, a **implantação** do conjunto arquitetônico sempre se deu próximo a riachos ou córregos, pois a água era fundamental no beneficiamento do café, e a **casa** nunca esteve acoplada aos edifícios de beneficiamento de café, ao contrário do engenho de açúcar. É também significativa a influência do partido rural mineiro, sendo comum a solução de sobrado com o térreo abrigando o acesso e dependências de depósito e o pavimento superior para morada. Esta casa-sede cafezista, apesar de sua independência quanto às demais edificações da fazenda, está sempre locada de maneira a participar do conjunto, propiciando a sua fiscalização geral.

Afirma-se nos estudos de Argollo (2004: 157) que até por volta de 1870, o conjunto de edifícios que compunha uma fazenda de café era, em geral, desenhado em "quadra". Ao redor de sua forma original agregavam-se apêndices, como novos terreiros e, nas bordas destes, edificações adicionais. Tais arranjos, feitos em torno do terreiro, eram viáveis porque sua forma regular determinava a do conjunto. Carrilho (1994) observou que essa arquitetura fora fruto de um produto anônimo ou coletivo, ou seja, as necessidades funcionais da fazenda e as técnicas de construção disponíveis se integraram naturalmente, para produzir desenhos e formas específicas e originais.

O **terreiro** local de secagem do café, é o grande elemento organizador do espaço na tradicional fazenda de café, um descendente direto do pátio dos engenhos nordestinos (Benincasa, 2003: 31). À sua volta viriam se instalar todos os principais edifícios do complexo cafeeiro.

Os terreiros nesta região, já no século XIX se diferenciam de seus antecessores pela sua caracterização como espaço de trabalho, mais organizado, não circulando nele, apenas ao seu redor. Segundo Einseberg, a mentalidade dos fazendeiros do centro-oeste talvez fosse mais aberta às inovações tecnológicas e ao espírito de racionalização do que seus antecessores (Benincasa, 2003: 32, 33).

Os terreiros de café, segundo Argollo (2004:157), situavam-se costumeiramente bem defronte à casa-grande, de maneira que, das suas janelas, o fazendeiro podia sempre ter a vista as colheitas ameaçadas pelos furtos dos escravos. Um pouco mais distante situava-se a senzala, disposta em "quadrado", cujo acesso era possível apenas por um portão. As casas do "quadrado" eram geralmente construídas cada uma para dois casais e davam para uma grande praça central, onde era comum haver um chafariz.

No período entre 1834 e 1860, segundo Saia (em Benincasa, 2003:32), a fazenda cafeeira tomou conhecimento de várias novidades. As construções se avantajaram e alguns edifícios passaram a ser construídos independentemente, soltos dos demais, como **a tulha e a casa de máquinas**, ao contrário das primeiras implantações, onde os edifícios erguiam-se geralmente sob um mesmo telhado. Uma das explicações foi o avanço tecnológico, que exigiu mais flexibilidade desses edifícios. Num primeiro momento eles foram erguidos com a técnica de taipa de pilão, favorável à contigüidade das edificações, porém com a necessidade de várias aberturas, pelas quais passavam os vários eixos de rotação das novas máquinas de beneficiamento do café fez com que essa técnica fosse paulatinamente abandonada, fazendo-se uso da taipa de mão e da alvenaria de pedra ou tijolo. Inserir foto

No período seguinte, de 1860 a 1930 (em Benincasa, 2003:32), época da implantação das ferrovias, o planejamento da sede rural cafezista se mantém praticamente o mesmo do período anterior. A novidade seria o aparecimento das **colônias**, situadas geralmente próximas aos rios e córregos, e a presença de pomares.Também ocorreram melhorias nos equipamentos de beneficiamento do café. Foram introduzidos os ventiladores e os terreiros ganharam revestimento de pedra ou tijolo e passou a contar com lavadores e uma rede de canais para o escoamento do café.

Há poucos registros de vestígios da **Senzala** hoje em Campinas, mas acredita-se que neste município preservou-se o hábito de agrupar senzalas em lanços sucessivos com telhados corridos de duas águas sobre plataforma ou diretamente no chão. Podem estar dispostos em uma só linha (Fazenda São Pedro) ou em quadra (Fazendas Quilombo, São Martinho,

Três Pedras, Pau d'Alho). Não há registro de presença ou restos arqueológicos de cozinhas ou enfermarias associadas à senzala. Tecnologia tradicional de taipa de pilão nas paredes externas com possíveis divisórias de pau-a-pique (Silva, 2006: 115-118). A senzala estava sempre às vistas do proprietário, ou seja, situada nas proximidades ou mesmo fazendo corpo com a casa-grande, e o curro, com um único portão de entrada. (Mendes, 1983)

4. FAZENDA PAU D' ALHO DE CAMPINAS

A fazenda Pau D' Alho fez parte da sesmaria onde Antônio de Cerqueira César adquiriu direitos de posse em 1768, e em 1776 fundou seu engenho na estrada de Goiás, então chamada Anhumas (atual Campinas – Mogi-Mirim). Falecido em 1822, deixou a sesmaria para o filho Antonio Benedito Cerqueira Leite. Sua viúva vendeu o engenho a Manuel Leite de Barros, cuja esposa, Cândida Maria Ferraz de Barros, depois de viúva dividiu a sesmaria em três fazendas: Anhumas, Santa Cândida e Pau d 'Alho, que nesta época pertencia ao Comendador Manuel Carlos Aranha (depois Barão de Anhumas).

Tabela 1 – Ficha de identificação da Fazenda Pau D' Alho

PERÍODO: Década 1760 -1880
DADOS JURÍDICOS: Em processo de tombamento CONDEPACC (Abertura em 11 de agosto de 1988)
LOCALIZAÇÃO: Rodovia SP-340 (Campinas-Mogi-Morim), Campinas, SP.
USO/PROPRIETÁRIO ORIGINAL: Fazenda Pau d 'Alho fez parte da sesmaria onde Antônio de Cerqueira César adquiriu direitos de posse em 1788, e em 1776 fundou seu engenho na estrada de Goiás, Anhumas (atual Campinas – Mogi-Mirim). Falecido em 1822, deixou a sesmaria para o filho Antonio Benedito Cerqueira Leite, que teve uma prole numerosa e notável como o senador Francisco Glicério, Jorge Miranda, Leão e Eloi Cerqueira e outros. Falecido em 1861, sua viúva vendeu o engenho a Manuel Leite de Barros, cuja esposa, Cândida da Rocha Ferraz, depois de viúva dividiu a sesmaria em três fazendas: Anhumas, Santa Cândida e Pau d 'Alho, que nesta época pertencia ao Comendador Manuel Carlos Aranha (depois Barão de Anhumas). Desde o auge da cafeicultura paulista a fazenda passou de mil alqueires para os atuais 40 alqueires. Em 1900 pertencia a Baronesa de Anhumas, produzindo 14 mil arrobas de café e, em 1914, com 500 alqueires de terra, e 517 mil pés de café. A propriedade ficou em poder dos descendentes dos barões de café (com a crise do café a fazenda foi reduzida e Carlito Aranha, neto do barão, vendeu-a com 78 alqueires) até 1948, quando a família Dutilh, amiga destes, deixou a Holanda e comprou a Pau D'Alho. Em 1976 parte de suas terras (juntamente com propriedades vizinhas, num total de 200 alqueires) foi vendida à Telecomunicações Brasileiras S/A (Telebrás) e a ABC Xtal Microeletrônica S/A, e hoje a outra parte continua ativa com criação de gado puro, holandês preto e branco, e produção de leite e milho.
USO/PROPRIETÁRIO ATUAL: Os seis filhos do casal de holandeses.
AUTOR DO PROJETO/CONSTRUTOR: Construções antigas de 1760, mas não consta autor em documentação consultada.e reforma de Ramos de Azevedo em 1880.
TÉCNICA CONSTRUTIVA: A fazenda possui várias técnicas construtivas como: taipa e pilão, pau a pique, alvenaria de tijolos sob fundação de pedras, piso e forro de madeira, ladrilho hidráulico e telha capa-canal, inexistência de tesoura na senzala (presença de caibros de coqueiros).
ÁREA CONSTRUÍDA: Casa sede 1300 m².
USO ORIGINAL: Engenho de açúcar.
USO ATUAL: Eventos (edificações) e produção de milho e criação de gado holandês.
MUDANÇAS DE USO: Engenho de açúcar, Fazenda de café, Produção de milho/ Criação de gado holandês/ Aluguel para eventos.

Desde o auge da cafeicultura paulista a fazenda passou de mil alqueires para os atuais 40 alqueires. Em 1900 pertencia a Baronesa de Anhumas, produzindo 14 mil arrobas de café e, em 1914, com 500 alqueires de terra, e 517 mil pés de café (Ditchun, 1991). A propriedade ficou em poder dos descendentes dos barões de café até 1948 quando a família Dutilh, amiga do neto do barão, Carlito Aranha, deixou a Holanda e comprou a Pau D'Alho, reduzida pela crise do café, com 78 alqueires. Em 1976 parte de suas terras (juntamente com propriedades vizinhas, num total de 200 alqueires) foi vendida a Telecomunicações

Brasileiras S/A (Telebrás) e a ABC Xtal Microeletrônica S/A, e hoje a outra parte continua ativa com criação de gado puro, holandês preto e branco, e produção de leite e milho. Os dados gerais da fazenda podem ser vistos na tabela abaixo.

4.1. Do açúcar ao café: as transformações do espaço da fazenda

O núcleo original do engenho se situa num terreno totalmente plano, localizado à direita da nova sede. A organização inicial das edificações se deu a partir do quadrilátero da senzala e contava ainda, com a casa sede, tulha e a casa de máquinas. Deste núcleo original foram conservadas parte da senzala e a casa sede. Da senzala é remanescente um segmento com paredes externas de taipa de pilão e internas de pau-a pique. Seu acesso se dava diretamente para o exterior, com as janelas voltadas para o mesmo lado, sob a observação vigilante do dono através da antiga sede. Fotos antigas indicam que as aberturas foram preservadas, porém com esquadrias contemporâneas e sua cobertura original modificada. Na iconografia é possível perceber a inexistência de tesouras e a presença de caibros de coqueiros e telhas capa e canal. Atualmente, as antigas tesouras foram substituídas por uma estrutura metálica coberta com telhas de fibrocimento apagando a memória da antiga técnica construtiva.

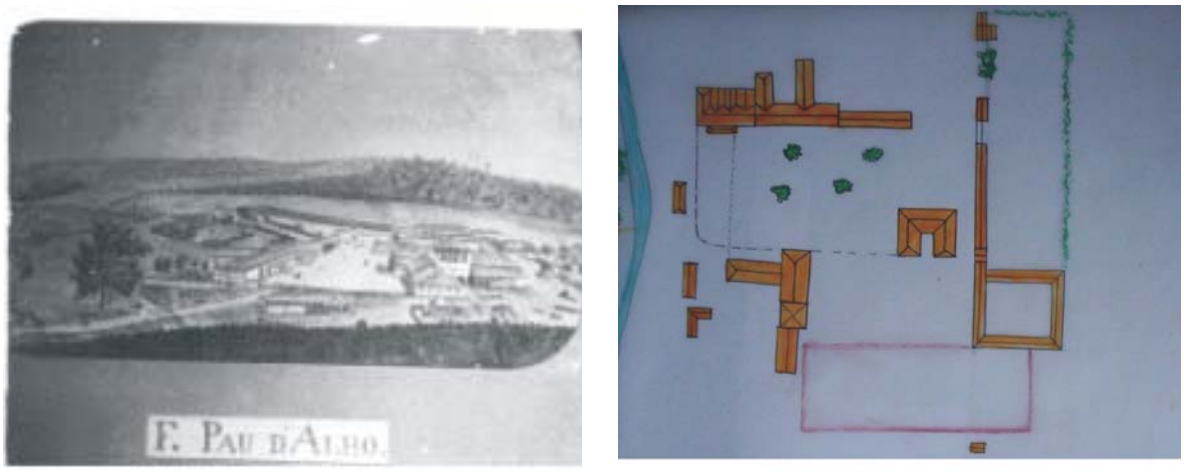
Das demais edificações restam apenas à fundação de pedra e uma pequena parte da parede de tijolos. A antiga sede da fazenda configura-se a partir de uma planta em U, típica dos tempos de açúcar, construída em 1760 em taipa de pilão. Atrás da sede e próximo do rio encontrava-se o depósito para o estoque de açúcar, mais tarde aproveitado para a estocagem de café cuja tipologia correspondia a uma planta retangular de paredes de taipa de pilão coberta por um telhado de duas águas. Sua volumetria simples e térrea servirá de base para nova ala do casarão, cem anos depois, se transformando na nova sede da fazenda.

Os terreiros, os equipamentos ligados à produção cafeeira e os muros, localizavam-se no pátio delimitado pela sede antiga, senzala e tulha. Atijolados, se mantiveram intactos até 1991, hoje transformados em jardins, restando alguns exemplares de tijolos e parte dos canais que escoavam o café após a lavagem (figura 1).

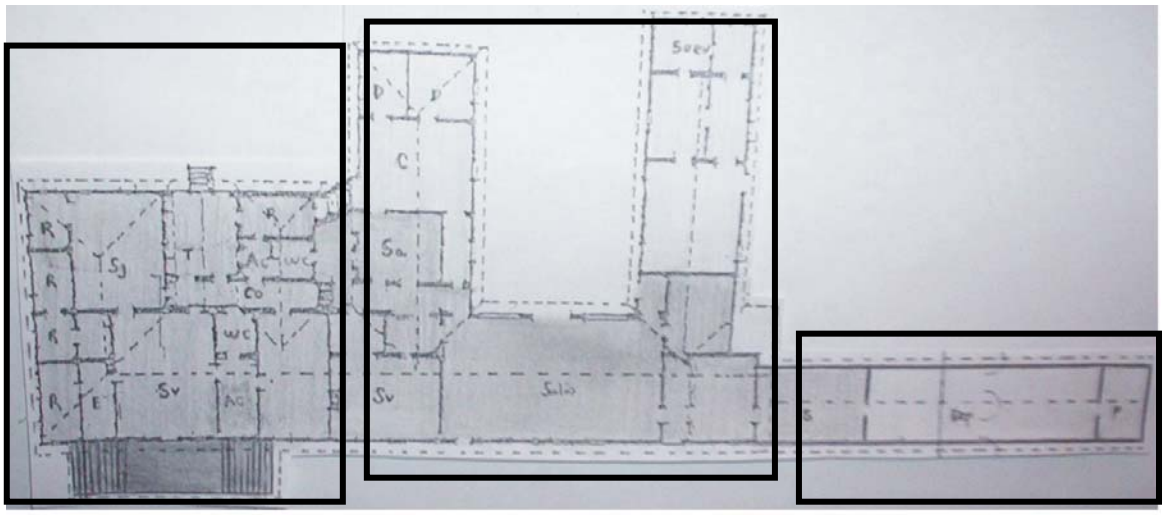
Por volta de 1860 foi construída a nova sede da fazenda Pau d ‘Alho ao lado do depósito com planta em U e um pavimento com porão utilizável e distribuição interna de acordo com as tipologias e programa de necessidades da época. Na década de 1950, por conta de uma inundação do rio Anhumas, foi feita uma reforma, aterrando o terreno para proteger a casa, fechando assim o porão habitável e transformando as antigas portas em aberturas horizontais.

Em 1880, Ramos de Azevedo iniciou a última ampliação da sede utilizando-se dos modelos e paradigmas da arquitetura em voga. Desta maneira, Ramos de Azevedo fez uso do tijolo, além de incluir o espaço sanitário no programa de necessidades da sede, bem como a lareira na sala de visitas. Esta edificação rural responde aos parâmetros formais do neoclassicismo vigente no espaço urbano configurando novos elos entre o rural e a cidade.

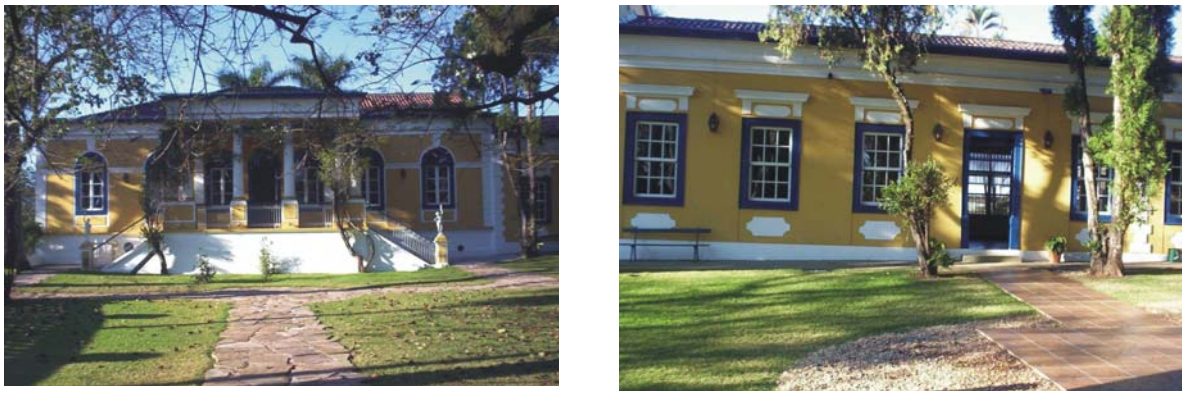
No interior da residência, os pisos e o forro são de madeira e as janelas apresentam folhas cegas (alteradas por reformas), venezianas, vidraças de guilhotina, e portas almofadas encimadas de bandeiras. Na ampliação, Ramos de Azevedo utilizou materiais importados, painéis de pinho-de-riga, molduras de cedro, batentes de peroba e no corredor papel de parede decorado. Ainda, a nova ampliação contou com a execução de um alpendre frontal com gradis, portinholas e ornamentações em ferro fundido demarcando a fachada principal da sede. O ferro fundido foi também usado nos condutores de água pluvial.



Implantação Geral Fazenda Pau d' Alho



Ampliação 1880 Segunda Sede 1860 Depósito de café 1760



Fachada da ampliação – Ramos de Azevedo

Figura 1 – Conjunto Arquitetônico da Fazenda Pau d 'Alho

5. FAZENDA MATO DENTRO

A propriedade rural conhecida como Fazenda Mato Dentro surgiu no início do século XIX e inseriu-se exemplarmente no padrão de ocupação fundiária e de produção agrícola dominantes na região campineira. Formada em 1806, a partir da gleba de terra desdobrada pelo Tenente-Coronel Joaquim Aranha Barreto de Camargo essa propriedade inicia-se como engenho e plantação de açúcar tornando-se em poucos anos produtora de café.

Atualmente a área da fazenda encontra-se dentro do tecido urbano sendo transformada num parque ecológico de uso público. Os dados gerais da fazenda podem ser vistos na tabela abaixo.

Tabela 2 – Ficha de identificação da Fazenda Mato Dentro

NOME: FAZENDA MATO DENTRO.
DADOS JURÍDICOS: Propriedade do Governo do Estado de São Paulo. Casa-sede, Capela e Tulha foram tombadas pelo CONDEPHAAT e CONDEPACC.
LOCALIZAÇÃO: Rod. Heitor Penteado, km 3,2. Vl. Brandina, Campinas, SP.
USO/PROPRIETÁRIO ORIGINAL: A sede da Fazenda Mato Dentro tem data de construção imprecisa. As terras foram compradas por Joaquim Aranha Barreto em 1806 para formar um engenho de açúcar.
USO/PROPRIETÁRIO ATUAL: O último descendente dos Souza Aranha, José Eduardo de Lacerda Soares vende a fazenda para Arnaldo Ribeiro Pinto em 1936. Pouco tempo depois: 1937 Arnaldo vende para o Governo do Estado de São Paulo sendo instalado o Instituto Biológico na casa sede. Tombado pelo CONDEPHAAT em 1988 passou a sediar o Museu do Café em 1991, na área que se tornou parque urbano “Parque Ecológico Monsenhor Emílio Salim”. O instituto Biológico continuou na área da antiga fazenda, porém separada do parque.
AUTOR DO PROJETO/CONSTRUTOR: Não consta em documentação consultada.
TÉCNICA CONSTRUTIVA: A fazenda possui várias técnicas construtivas como: taipa-de-pilão, o pau-a-pique, a alvenaria de tijolos e alvenaria de pedra, ladrilho hidráulico e a telha de colo ou capa-canal.
ÁREA CONSTRUÍDA: Casa sede 800 m².
USO ORIGINAL: Engenho de açúcar.
USO ATUAL: Museu Ambiental.
MUDANÇAS DE USO: Engenho de açúcar, Fazenda de café, Instalação do Instituto biológico e Museu Ambiental.

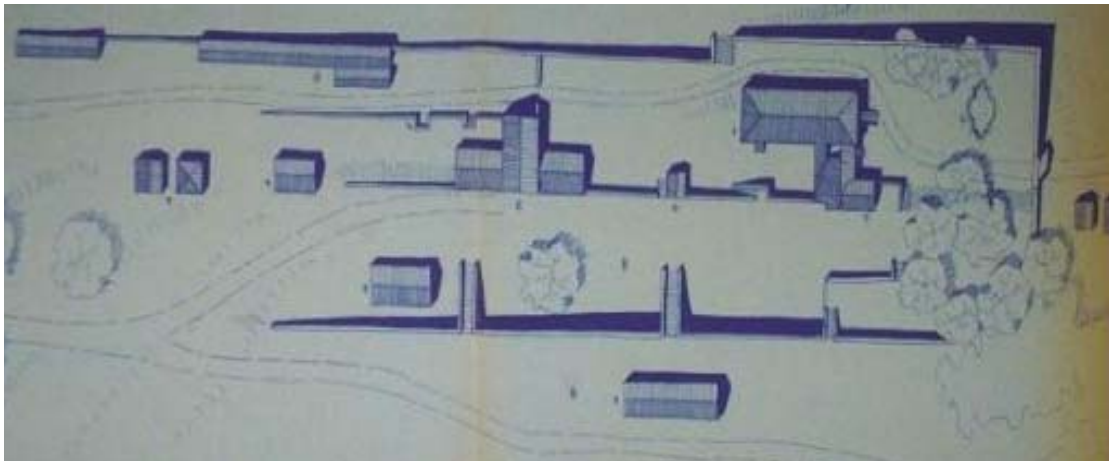
A fazenda Mato Dentro possui características do final do século XVIII. Segundo Pupo (1983):

> "... uma das características das velhas construções do final do século XVIII e primeiros anos do século XIX está nos telhados de quatro águas sobre um quadrilátero perfeito de construção, ou de três águas com partes térreas adidas e sobradas; (...), e mais casas térreas como a de Joaquim Aranha no engenho-fazenda Mato Dentro (...), homem viajado, conhecedor do fausto de outras regiões (...). A sua residência rural também teve requintes, como sua porta principal com entalhes, seu forro de salão nobre, e com a singularidade de ser a casa um perfeito quadrilátero, telhado de quatro águas, dispondo de um outro lanço, à direita da casa, com piso inferior (e comunicação interior), no alinhamento da fachada principal, destinada ao cômodo de serviços, cozinha, dispensa, etc. Assim, o quadrilátero principal (47x 17 m) dispõe-se de uma planta de rígida simetria desenvolvida em torno de um grande salão central (a varanda) e de um longo corredor e se destinou, exclusivamente, aos cômodos sociais e íntimos.
>
> Na casa sede observa-se uma generosidade dos cheios sobre os vazios na fachada, bem diferente da casa bandeirista, onde os cheios predominavam (em menores proporções), na arquitetura do café, a construção com tijolos permitiram maiores vãos, aumentando ainda mais a relação vazios/cheios".

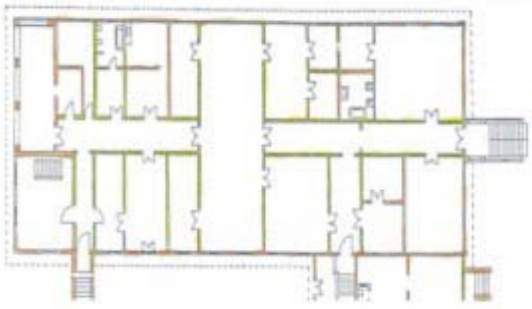
A implantação do conjunto arquitetônico da Fazenda Mato Dentro segue as características descritas no capítulo 3. Isto significa que assim como outros exemplares da época, a implantação do conjunto edificado buscou a proximidade com a água para o beneficiamento

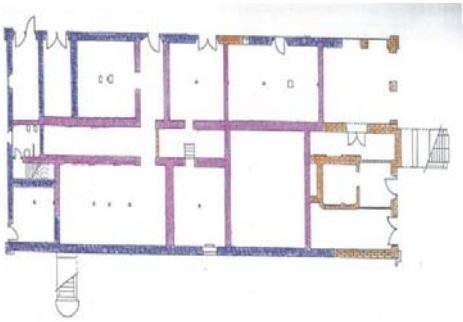
do café. A implantação das construções forma um desenho paralelo as curvas de nível estabelecendo um eixo longitudinal que as organiza. A casa sede da fazenda forma uma fachada contígua junto com o anexo (cozinha) e a capela estando distanciada dos outros edifícios. Por causa da topografia do terreno em declive em direção a água a casa sede possui um porão que serviu de moradia para os escravos domésticos

Na Mato Dentro não há vestígios aparentes da senzala, embora ela tenha existido. A mesma sucumbiu nos auspícios da República quando várias senzalas foram queimadas. Já a tulha foi preservada e junto a casa sede e a capela estão tombadas pelo CONDEPHAAT[3] e CONDEPACC[4].



Implantação Geral Fazenda Mato Dentro





Planta pavimento superior Planta pavimento porão.
Antes do restauro

Desenho da Fachada com anexo e capela Imagem da fachada da casa sede

Figura 2 – Conjunto Arquitetônico da Fazenda Mato Dentro

Os terreiros atijolados situam-se paralelos a casa sede, implantados num sistema de escadarias numa cota mais alta (figura 2).

No caso da Mato Dentro a análise proposta centra-se nas transformações da casa sede onde discorremos sobre os sistema construtivos, tipologia e sobre o programa de necessidades.

5.1. Sistema construtivo da casa sede

Foram encontrados técnicas e materiais de construção como a taipa-de-pilão, o pau-a-pique, a alvenaria de tijolos e alvenaria de pedra. O ladrilho hidráulico e a telha de colo ou capa-canal também eram desenvolvidos na fazenda. A técnica construtiva de taipa-de-pilão é de importância para caracterizar esta época de transição entre a arquitetura do açúcar e a do café. O processo de construção com taipa de pilão foi de uso freqüente nos primeiros tempos da colonização, especialmente em São Paulo e Goiás trazida pelos portugueses e consistia numa mistura de argila, areia e água.

Em Campinas o saibro amarelo aparece com freqüência na mistura do barro. Em alvenarias entaipadas também se utilizam pedras com a função estrutural e de vedação, recebendo o nome de cangicado. Pode-se perceber também este tipo de técnica construtiva no pavimento térreo.

A técnica construtiva de pau-a-pique, taipa de mão, taipa de sebe ou ainda sopapo, consiste na amarração de uma estrutura de paus verticais e horizontais equidistantes amarrados com fibras, como o cipó. Algumas paredes da casa sede ainda são testemunhos dessa técnica.

Quanto ao forro, estrutura do telhado, portas, janelas e assoalhos e pinturas murais pode-se relatar que quase todas as salas têm o “forro saia e camisa”, as outras salas possuem forro de Gamela e Paulistinha.

A estrutura do telhado constitui-se por dois tipos de armação. Na região de Campinas utilizavam-se pares de pontaletes longos que apóiam, através de junção cruzada dessas duas peças, as vigas principais. A casa apresenta oito armações desse tipo. Essa armação de madeira liga-se a toda estrutura da casa, constituindo-se de um único sistema interligado, conhecido por gaiola. O outro sistema corresponde a uma única e grande armação de madeira sobre o vão do salão central (varanda). É de quatro águas, e seu revestimento de telhas capa e canal. O arremate do telhado é feito por beiral estreito e camuflado por cimalha de madeira trabalhada.

Quase todas as portas são da época da sua construção e apresentam folhas duplas e verga reta com bandeira envidraçada. Somente a Porta principal possui arco. Pode-se perceber ao compararmos as portas da residência que há uma distinção entre os ambientes. Na área social as portas refletem o mesmo desenho da porta principal. São vários tipos de janelas: com batentes de madeira e caixilhos envidraçados, tipo guilhotina. As janelas originais possuíam folhas cegas com fechamento pelo interior.

Os assoalhos compostos de tábuas largas, assentadas por meio de cravos de ferro. Sobre o taboado do assoalho estão apoiadas as paredes internas. No porão, apenas um cômodo tem piso de terra batida. Os outros cômodos apresentam diferentes forrações, mostrando as intervenções e reformas sofridas pela casa.

As pinturas murais encontram-se presentes na casa sede da fazenda, feitas em sua maioria no final do século XIX, por ocasião de uma reforma.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do texto, nos propusemos a apresentar e analisar, alguns instrumentos para compreensão da evolução dos processos de transformações das tipologias, dos materiais e técnicas construtivas da produção do café na região de Campinas através do olhar das Fazendas Pau D’Alho e Mato Dentro.

Com a chegada do café tantos os espaços urbanos quanto os rurais foram se modificando a partir da implantação da ferrovia, da entrada do imigrante europeu e da introdução paulatina do modo de vida capitalista. Os novos agentes e aparatos da modernidade promoveram os passos iniciais das transformações sociais, espaciais e econômicas do estado de São Paulo, introduzindo novos paradigmas nos modos de viver e habitar, nos costumes da sociedade que até meados do século XVIII se mantivera praticamente intacto pela mão de obra escrava.

Na arquitetura, as transformações ocorridas aconteceram na forma da implantação, no estilo utilizado, de inspiração eclética como platibanda, porões altos e arco pleno nas janelas e portas. Com os equipamentos importados as técnicas tradicionais foram inovadas com o tijolo e o ferro fundido entre outros. No caso das fazendas as transformações referidas foram adotadas mais rapidamente nas sedes enquanto que nas edificações utilitárias (tulhas, casas de máquinas e senzalas) muitas das características do partido colonial, incluindo as técnicas da taipa, se mantiveram até bem próximo do fim do século XIX.

Essas transformações nem sempre garantiram a integridade das edificações. Apesar do reconhecimento do saber fazer do período açucareiro a introdução da cultura do café permitiu o enriquecimento rápido dos proprietários rurais, o que refletiu em suas construções. A simplicidade formal da arquitetura, dos materiais e técnicas das velhas sedes rurais não mais satisfez os anseios dos senhores do café interessados em mostrar através das edificações suas aspirações elitistas e riquezas acumuladas. Esta mentalidade repercute na opção pela substituição de materiais e técnicas de construção que de algum modo podem ser percebidas na atualidade. A arquitetura moderna, expressão máxima da industrialização, com a ausência de detalhes e elementos decorativos, com uma valorização das linhas puras, enaltecendo os materiais como o concreto armado obscureceu as questões de valorização do patrimônio e de alguma forma preservou a mentalidade de substituição.

Na atualidade, novas referencias permeiam as questões concernentes à arquitetura bem como as questões de preservação da memória material e imaterial. É significativo preservar além da volumetria.

BIBLIOGRAFIA

ARGOLLO, André Ferrão. Arquitetura do Café. Campinas, SP: Editora da Unicamp, Imprensa Oficial, 2004.

BELLIA, Antônio Carlos. Fazendas do Ciclo do Café. Região de Campinas. Cadernos de Fotografia 5. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, s.d.

BENINCASA, Vladimir. Velhas Fazendas: Arquitetura e Cotidiano nos campos de Araraquara 1830 - 1930. São Carlos: EdUSCar, 2003.

CARRILHO, M.J. *As fazendas de café no Caminho Novo da Piedade.* São Paulo, 1994.

DITCHUN, Ricardo. *Ilhada, fazenda Pau d'Alho resiste ao progresso: propriedade foi construída na metade do século 19, durante o período da expansão da cultura cafeeira*. São Paulo: Folha de São Paulo. 13 out. 1991.

LEMOS. Ramos de Azevedo e seu escritório. São Paulo, Pini, 1993.

MENDES, J. E. Teixeira. *Lavoura cafeeira paulista: velhas fazendas do Município de Campinas.* Aquarelas de José de Castro Mendes. São Paulo: Departamento Estadual de Informações, 1947. Edição fac-similar, Rio de Janeiro: Xerox do Brasil, 1983.

PUPO, Celso Maria de Mello. Campinas, Município no Império: fundação e constituição, usos familiares, a morada, sesmarias, engenhos e fazendas. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1983.

SAIA, Luis. Morada Paulista. São Paulo, Perspectiva, 1972.

SILVA, Áurea Pereira. Engenhos e fazendas de café em Campinas (Séc. XVIII – Séc. XX) Anais do Museu Paulista, 2006, jun/ vol. 14, São Paulo: Universidade de São Paulo, p 81-119.

NOTAS

1 – Há que se compreender a relação “café com açúcar”: em Campinas, o café substitui o açúcar; em Ribeirão Preto, o açúcar, depois, substitui o café.

2 – *Referência na História de Campinas*, Correio Popular, Campina s, 31 out. 2004.

3 – CONDEPHAAT – Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico.

4 – CONDEPACC – Conselho de Defesa do Patrimônio Artístico e Cultural de Campinas.

AUTORAS

Berna Bruit Valderrama é arquiteta, doutora em Arquitetura e Urbanismo pela FAU-USP e professora do Curso de Design da Faculdade de Artes e Administração de Limeira, SP. Membro do LABORE – FEC/UNICAMP

Melissa Ramos da Silva Oliveira é arquiteta, doutoranda do curso de Geografia da UNICAMP, mestre em geografia UNICAMP e especialista em patrimônio histórico – teoria e projeto pela PUC Campinas. Professora dos cursos de arquitetura e urbanismo e decoração e design CEUNSP

Sandra Cristina Fernandes Martins é arquiteta, doutoranda do curso de Arquitetura e Urbanismo da EESC – USP, mestre em Engenharia Agrícola UNICAMP e especialista em Engenharia de Segurança UNICAMP. Professora dos cursos de arquitetura e urbanismo e decoração e design do CEUNSP – Salto SP.